

A IDENTIDADE JUDAICA EM ISRAEL

ELIEZER LEVIN

ESPECIAL PARA AMAZÔNIA JUDAICA

Não há luz sem obscuridades
 Não há valor sem medo
 Não há perto sem longe
 Nada existe sem seu oposto.
 (Carlos Bucay)

Um dos pilares da nossa identidade, é sem dúvida, o judaísmo que recebemos por convicção, por ideologia, de nossas convivências, dos nossos antepassados, dos nossos lares, etc.

Como nos definimos como Judeus?

Em qual das definições de judeu nos encaixamos?

Que valores me fazem ser Judeu?

Existe um Judeu mais Judeu que outro?

Quem é Judeu para os israelenses (em Israel)?

A questão de quem é judeu está estreitamente ligada a discussão em torno da Lei de Retorno, ditada em 1950, no dia 20 de Tamuz (que é o dia da morte do Dr. Teodoro Hertzl).

Dita lei faz lembrar aos judeus, que eles tem um privilégio a respeito da imigração a Israel. Este privilégio é muito atacado pelos árabes e por grupos anti-sionistas, que vêem nele, um princípio discriminatório e ademais uma forma racista, pelo qual aproveitam para desencadear uma ofensiva total contra o sentido histórico do Estado de Israel. Mas esta posição não faz parte de nossa preocupação.

Quero esclarecer esta matéria e apresentar um pouco da sua problemática.

O Estado de Israel foi criado depois de décadas de ações políticas por parte do movimento sionista, ação cuja meta não foi estabelecer um Estado a mais, senão encontrar uma solução; a solução ao problema judaico.

Em outros termos: Israel surgiu como país, um Estado disposto a dar acolhida e lugar a aqueles judeus que careciam do mesmo, ou a aqueles que sentiram a necessidade, o desejo ou o imperativo histórico de tomar parte pessoalmente no processo de recriação de uma nova nação judia, independente, na pátria ancestral do Povo Judeu - e na qual poderemos livremente concretizar nossa identidade judia.

Israel é um Estado Judeu, que clama a ser povoado por uma maioria judia e este fato é que determinará a fisionomia espiritual do país.

O Estado Judeu em Eretz Israel (A Terra de Israel) abrirá suas portas a todos os judeus. É um direito natural do Povo Judeu de desenvolver, como todos os demais povos do mundo, uma existência independente num Estado Soberano.

"Proclamamos a fundação de um Estado Judeu em Eretz Israel que estará aberto a imigração judia de todos os países" (da Proclamação da Independência de Israel - maio 1948).

Tratemos um pouco sobre o significado de ser Judeu. Na minha modesta opinião não há Judeu ateu que seja completamente ateu e nem Judeu crente, que não tenha dúvidas. Nós não somos feitos para as certezas. A dúvida é nossa fatalidade.

Li, há pouco tempo atrás, uma interpretação muito bonita sobre o Monte Sinai:

"Ainda perguntamos a nós mesmos, se frente ao Monte Sinai, o que escutamos foi uma Voz Divina ou o eco de nossas próprias almas, sedentas de uma voz todo-poderosa que sancionasse, de uma vez para sempre, nossa intuição natural, que existe um Bem e um Mal".

A Terra de Israel - Eretz Israel - foi a cunha do povo Judeu. Lá se forjou e cristalizou sua identidade cultural, religiosa e nacional. Na forma espiritual, Jerusalém e a Terra de Tzion se transformarão num centro e foco de suas vidas: as preguiças diárias e as esperanças do judeu, o errante e o que vive em Israel.

O filósofo judeu - argentino, Dr. Ricardo Forster publicou suas idéias sobre o judaísmo e falou do: "Espelho quebrado da identidade judia na nossa época, no mundo moderno."

Não sei dizer em "porcentagem", neste caleidoscópio de imagens, de um sem fim de imagens, que lugar ocupa a imagem do judaísmo israelense. Este último, também é uma espécie de "espelho quebrado" com inúmeras imagens:

O Judeu ortodoxo com seus trajes especiais, o soldado com seu uniforme, o professor da universidade, o Kibutznik, o crente e o laico, o sefaradi e o ashkenazi, aquele que se converteu, o "oleh" que veio da Etiópia, do Marrocos, da Rússia, do Brasil.

Lhes recordo estes dados para que entendam que Israel foi a cunha de nossas tradições, de nossa religião, de nossa primeira e única identidade nacional. Mas não temos que esquecer que com o desenvolvimento do judaísmo nas diversas Diásporas, nas distintas épocas, em vários lugares

no mundo - se desenvolveram filosofias, crenças e costumes. A idade de ouro na Espanha, a contribuição de Maimônides com seu Guia dos Perplexos, a Chassidut com suas raízes na Europa Oriental, na personalidade de Baal Shem Tov, o livro de Zohar e a Kabbalah - todos eles não foram criados na Terra de Israel. A Mishnah e a Guemarah são frutos do pensamento e a convicção espiritual e intelectual do povo Judeu na Diáspora.

Já na época do pré-sionismo, existia um movimento que queria ver e transformar a futura pátria dos judeus num centro básico, único do judaísmo. Também nos primeiros anos da existência do Estado de Israel existia um movimento de "negação" a tudo que significava continuação ou convivência com a Diáspora - a chamavam "A Negação da Galut" com várias características típicas desta época (a mudança de nomes das pessoas para nomes hebraicos, o movimento caraita, etc).

Creio que estas foram "as enfermidades naturais da infância do Estado de Israel".

Atualmente, creio que encontramos o "ponto de equilíbrio" entre nossa identidade judia na Diáspora e nossa identidade judia em Israel.

Eu, pessoalmente, creio que por uma casualidade, ou por vontade de Deus, ou como consequência de um processo histórico, ou como consequência direta da catástrofe do Holocausto, na nossa época, na nossa geração sucedeu este incrível fato, milagre, epopéia - que se chama: A criação de uma pátria judaica para o Povo Judeu, depois de 2000 anos de dispersão.

É uma decisão pessoal de cada um, com sua personalidade, com seu caráter pessoal, fazer ou tomar parte neste processo histórico, único na história da humanidade e dos povos do mundo - o "renascimento de Israel", como parte dos países, da família das nações deste universo.

Ou ficar como alguém, "vendo de fora", como um espectador e sem intervir neste processo histórico.

Eu pessoalmente, por circunstâncias distintas, pelo meu caráter pessoal, pela minha formação e educação pessoal, como ser humano, livremente e intelectualmente tomei minha decisão e minha conclusão e estou orgulhoso de ser parte ativo neste tremendo impacto histórico que é a criação de Israel. E que os túmulos de meus pais e de minha avó, "Velehavdil elef havdalot" que minha casa, os lares dos meus filhos e netos estão em Israel. Este é o mais importante significado, meu pessoalmente de ser Judeu.

O que eu não tenho é o direito de criticar alguém por não fazer o mesmo. É seu direito decidir não tomar parte neste processo.

Mas sim tenho o direito e talvez a obrigação moral e histórica de chamar e alertar aos judeus de todo o mundo que se juntem a nós e elejam viver e construir seus lares na única pátria dos judeus - Medinat Israel.

A Aliah é vital, é o verdadeiro oxigênio para nossa existência histórica e política em Israel. E a Aliah é importante e essencial para a continuidade histórica do povo Judeu e o único caminho em que se pode construir uma vida digna e normal para nós, judeus de todo o mundo. O destino histórico comum criou um elo eterno entre Am Israel (Povo de Israel) e Eretz Israel (Terra de Israel).

Já se passaram mais de 100 anos do começo do renascimento nacional Judaico e mais de 50 anos da criação de Israel. Mas a maioria do povo Judeu vive fora de sua terra. Isto quer dizer que o Sionismo como movimento Judeu - revolucionário fracassou?

A existência de Israel, o processo contínuo das Aliot das distintas Diásporas, nossos êxitos científicos e culturais, o crisol das Diásporas, nosso novo - velho idioma comum, nossa luta contínua e interminável pela nossa existência como povo livre e criador - estas são as únicas provas que podemos apresentar que justificam e que demonstram o óbvio: o nosso direito de "Lihot Am Chofshi Beartzenu" (Ser um povo livre na nossa Terra - "Hatikva", hino Nacional de Israel).

Terminamos de definir quem é judeu segundo a visão do Estado de Israel, tomando a Lei do Retorno como documento básico, fundamental de discussão entre as distintas correntes do judaísmo.

Na nossa vida cotidiana, adotamos o judaísmo como uma "forma de vida". Esta forma de vida é pura, natural e unicamente limitada por nossos próprios pensamentos e ideais. Isto quer dizer - cada um se sente Judeu e pratica o judaísmo a sua maneira, fazendo o que acredita que é certo e correto segundo sua forma de pensar.

Na minha opinião, não existe que "um seja mais Judeu que o outro". Cada um pode adotar seu judaísmo da forma que acredita e sinta, um pode respeitar mitzvot até o ponto que as sinta suas, mas não respeitar mais ou menos mitzvot, não quer dizer que é mais Judeu que outro.

A forma que nós aceitamos e praticamos nosso judaísmo define nossa identidade como judeus. Este caminho que aprendemos, o elegemos e lutamos por mantê-lo porque acreditamos fielmente nele. E basicamente acreditamos em nós mesmos, em nossa personalidade individual de ser judeu, de pertencer a este povo e a esta terra - Eretz Israel.

Rosh Hashanah 5764
 Setembro 2004

CORRESPONDÊNCIA

Foi um dia especialíssimo em minha vida

Foi no templo Shaar Hashamaim, sustentáculo do judaísmo, para não dizer sefaradismo, de Belém do Pará, que passei o Yom Kipur de 5765.

Um pouco por causa da minha condição de isolado de uma comunidade judaica por um bom tempo, mas muito devido à beleza, tradição e emoção da comunidade judaico-marroquina da cidade!

Eu já bem sabia que não queria passar aquele dia, que pra mim é tão significativo, em um lugar onde fosse me sentir solitário e sem a envoltória de uma comunidade.

O judaísmo anda bem longe do cotidiano desde que fui morar em São Luís do Maranhão. Isso já vai completar um ano e cinco meses.

Não que eu esteja longe dele, pelo contrário, ele continua muito vivo e forte dentro de mim, mas do meu corpo pra fora, lamentavelmente, os caminhos até ele distam várias milhas: culpa do trabalho, do mercado e da dinâmica da vida. Mas essa é outra história que contarei em outra oportunidade.

Faltando uma semana para o dia de Kipur, telefonei para o David Nahon, bom amigo de Belém do Pará, perguntando sobre a possibilidade de passar o Kipur por lá. A receptividade ao telefone foi tamanha que acho que ela foi o maior incentivo à idéia de viajar.

A decisão de pegar um avião em direção a uma cidade antes tão distante ao meu universo pareceu, naquele instante, como a opção de ir almoçar na casa da vovó: simples, fácil e agradável. Foi como se eu estivesse indo para um lugar que freqüente há muito tempo.

Cheguei à Belém na sexta-feira pela manhã, Erev Yom Kipur. A cidade estava quente, úmida e abafada, como não podia ser diferente na Amazônia. Logo entrei no ritmo próprio do Yom Kipur: preparativos, roupas brancas, jantar mais cedo, emoção à flor da pele.

Entre na "Porta dos Céus" para o Kol Nidrei e me impressionei com a alegria dos membros daquela kehilá. Eram como reis e rainhas, como eles próprios costumam se chamar. E me cativava mais ainda com a beleza das diversas Alegrias, Vidas, Lunas, Celestes e Estrelas, todas reluzindo na sinagoga, com suas feições de odaliscas morenas, de traços fortes e sombrancelhas grossas.

A noite foi tranqüila, de muita reflexão. E o dia de Kipur demonstrou-me como a comunidade é bela, unida e tradicional, a começar pelo Rabino Moysés Elmescañy, fruto da própria comunidade!

Não vou me esquecer nunca do aconchego dos talitot dos patrícios na sinagoga, todos abertos, assemelhando-se a tendas armadas e prontas a receber quem delas se aproximasse.

Presenciei cenas maravilhosas e me remeti a um tempo que não vivi: a época em que os sefaradim tinham comunidades magníficas no Mediterrâneo: no norte da África, Península Ibérica, Turquia, Grécia...

Lá descobri histórias impressionantes, do tempo em que os judeus do Marrocos chegaram à calha do Rio Amazonas, no Ciclo da Borracha brasileiro e povoaram várias cidadezinhas dos estados do Pará e Amazonas.

Enfim, vivenciei uma experiência maravilhosa! Deixo aqui o meu emocionado agradecimento às famílias Nahon e Unger, pelo acolhimento caloroso. Valeu, David! Valeu, Moishel!

E esse foi um Yom Kipur emocionante que acabei experimentando... Apesar de simples e longe da minha família, e talvez por isso, um dos mais emocionantes da minha vida, tão profundo quanto o que passei em Jerusalém, também numa sinagoga sefaradita, no bairro de Talpiot Mizrach...

E assim, incrivelmente, o calor daquela comunidade se fez maior do que o calor da própria cidade!

Gustavo Rozenbaum Bcheche
 Belo Horizonte/MG
 07/10/2004

Amazônia
 JUDAICA



Interior da Sinagoga Sefaradi de Florença, Itália.

NOSSA CAPA



O Jornal AMAZÔNIA JUDAICA é um órgão independente, mensal, para divulgação do judaísmo na Amazônia. Endereço: Av. Serzedelo Corrêa, 15 Lj 03 Cep.: 66.025-240 - Belém - PA. Fone-Fax: (91) 223-0494

Diretor e Editor
 David Salgado Filho

Conselho Consultivo
 Jacob Messod Benzecry; Elias Pazuello; Ramiro Bentes; Marcos David Nahon; Moisés Elmescañy; Celso Neves Assayag e Morse Shimon Israel

Colaboradores

Simone M. Salgado; Clara Azulay; Isaac Bentes; Yehuda Benguigui; Jones Ohana; Marcos Serruya e Raquelita Athias

Colaboraram nesta Edição

Julio R. Levy; Eliezer Levin; Gustavo Rozenbaum Bcheche; e David Abecassis

Revisor

Inácio Obadia

Correspondentes

Manaus: Isaac Dahan / Rio de Janeiro: Elias Salgado

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Osimar R. Araujo (osi_101@hotmail.com)

Impressão

G.M.G & Lima Ltda. Fone/fax:(91) 224-5301 / 241-6219 - email: moraes@amazonline.com.br

Assinatura anual

R\$ 40,00

Preço do exemplar

R\$ 4,00

AJ informações

Fone / Fax:
 (91) 223-0494

www.amazoniajudaica.com.br

amazoniajudaica@directbr.com.br

VEAHAVTÁ NEWS

(ENTREVISTA, 2ª PARTE: RACHEL FLAUMENHAFT, LEONARDO ADISSI E JONATHAN TAYAH, ASSÍDUOS DO PROJETO KIRUV NA UISGH.)



No último número de Amazônia Judaica, o Veahavtá News publicou a primeira parte de uma entrevista com os jovens Rachel Flaumenhaf (24), Leonardo Adissi (21) e Jonathan Tayah (22), assíduos do Projeto Kiruv* na União Israelita Shel Guemilut Hassadim, Rio de Janeiro. O Kiruv é uma iniciativa recente, de ordem privada, e que une numa só investida diversas sinagogas cariocas, cada qual com seu rabino, em torno da meta de aproximar o jovem judeu de sua cultura. A idéia é apoiar-lhes em tudo o que for possível, inclusive financeiramente, sempre com esta meta em comum.

Na faixa dos vinte e poucos anos, os três dividem conosco

suas dúvidas e anseios em relação a sempre conflituosa experiência de se ser judeu na galut, mesmo num país tolerante e de cultura reconhecidamente miscigenada como o Brasil. O dado inusitado, poderia-se dizer, é que mesmo encarando circunstâncias adversas, em termos de se dar prosseguimento à milenar tradição a que pertencem, tanto Rachel como os colegas têm cada vez mais clara para si a vontade de fazer parte ativa disso que identificam como sendo 'as suas origens'. E cada qual a seu modo, o que é mais interessante; cada um encontrou e trabalha meios distintos para poder concretizar esse desejo. Vamos à segunda parte:

melhor do que se não fossem a lugar algum.

•L – A nossa religião já existe há tanto tempo, cara, e existe justamente por ser rígida e firme. Essas reformas que os caras estão fazendo, como tocar guitarra e teclado no shabat, daqui a pouco vão justificar coisas ainda mais absurdas. Acho inclusive que a religião conseguiu resistir a tanta coisa graças a essa característica: ser fechada a concessões.

•R – A nossa religião, ela se mantém através das tradições. Olha só essa moda de cabala. Muitos dos judeus que frequentam esses centros de estudo, e há vários pela cidade, não têm a mais vaga idéia do que é que ela significa. Acho que tratam da cabala como se fosse uma espécie de macumba, ou mandinga, e sempre com os mesmos propósitos. Ou seja, arrumar dinheiro, trazer a pessoa amada em tantos dias, etc. Estão vendendo o nome de D-us por motivos fúteis, acho errado. Você sabia que nesses centros há muito mais frequentadores não-judeus do que judeus?

•J – Claro, isso é moda, e está direto na mídia. Para você ter uma idéia: para que se possa estudar cabala, tem que se ser judeu, homem, ter mais de quarenta anos e, no mínimo, dois filhos. Para se poder começar a estudar... E pelo pouco de judaísmo que aprendi, dos três maiores cabalistas da nossa história, um se matou, o outro ficou louco e o terceiro foi o único que permaneceu são, que foi o rabbi Akiva. Então é uma parada muito complexa. Mas voltando ao reformismo; considero que está errado, mas ainda acho melhor do que estas pessoas não irem a lugar algum, sem falar que muitas vezes sinagogas assim são as únicas existentes em determinados bairros. E aí, como é que fica?

• Vocês saberiam dizer se esse público, mais atraído pelo reformismo, tem as mesmas expectativas que vocês frente à vida?

•J – Mesmo sendo reformista, pensando bem, é realmente um pouco de hipocrisia da nossa parte afirmar estas coisas, porque apesar de frequentarmos sinagogas mais conservadoras todos nós saímos nas sextas-feiras à noite, por exemplo. Realmente, essas sinagogas são reformistas, mas é melhor o camarada estar indo para lá do que para uma igreja.

•R – Muitos dos jovens que vão nas mesmas sinagogas que eu também frequentam estas outras, e pelas mesmas razões: conhecer alguém, fazer novos amigos... Ninguém com 20 anos vai a uma sinagoga sábado à noite se não for com a explícita intenção de conhecer alguém.

•O que é que vocês acham que faz com que certos jovens, a princípio sem maiores laços com o judaísmo, busquem um eventual retorno a estas raízes?

•L – Eu acho que tem a ver com a discriminação que você sofre, sendo judeu num país onde pertencer a esse grupo equivale a pertencer a uma minoria. É como se você estivesse na torcida do Vasco com a camisa do Flamengo, todo mundo fica te olhando estranho. Agora, com os teus amigos judeus, dá para interagir mais, você tem as mesmas idéias, consegue conversar numa boa.

• E vocês, concordam com isso?

•J – Eu estou pouco me lixando para a discriminação...

•R – Eu não estou. Aqui no Brasil, a gente vive bem, sem maiores problemas relativos à discriminação, é verdade. Porém, se houver descuido, essa onda pode crescer.

•L – O segundo grau inteiro eu cursei numa escola de goyim, estadual, e sempre fui conhecido como 'o judeu'. Não pejorativamente; éramos amigos, tocávamos violão, eu falava com todo mundo, mas sempre tem um ou outro cara que vem com aquele papo de Judas, ou Cristo, aquela conversa mole que você não agüenta mais escutar, e que você nem responde de tão cansado. Só escuta e fica na sua. É realmente uma sensação de se estar fora do próprio ambiente, a que faz com que a gente procure esses grupos, esses projetos. Uma volta às origens.

•Quais são as perspectivas de vocês para os próximos anos?

•R – Trabalhar, terminar os estudos, e conhecer uma pessoa que tenha os mesmos princípios que os meus, a mesma base que a minha, a mesma religião, e que quando uma criança chegar eu possa fazer um brit milá sem que haja aquelas confusões todas, aquelas brigas... Tenho algumas amigas casadas que passaram por esta experiência desagradável. Enfim. Ter uma família judia, poder comemorar Rosh Hashaná, Pessach, poder acender a chanuká no final do ano... Mas aqui no Rio realmente está meio difícil.

•L – Eu confesso que não sou um cara muito ligado nisso (referindo-se a planos futuros). Não costumo planejar nada na minha vida. A curto prazo, eu tenho uma viagem para Israel, mas eu vou vivendo as coisas meio que sem fazer muitos planos, porque depois eu posso me frustrar. Então não gosto de planejar nada. Como a maioria das pessoas só creia naquilo que consegue ver, acho que lá vou ter mais chances de, talvez, quem sabe, conhecer mais a fundo as origens da nossa religião, porque aqui é meio

difícil de se conseguir cumprir as coisas... Na verdade, estou indo sem grandes planos, mas definitivamente em busca das minhas raízes.

•J – E você vai ver que é muito mais fácil ser judeu lá do que aqui. Bem, eu, agora, estou muito focado na minha vida profissional. Para mim, o objetivo é me formar daqui a um ano e partir para outro país, no entanto não para Israel. De resto, casar com uma mulher judia, ter filhos, seguir a cultura judaica. A princípio, não voltaria para Israel, pelo menos por enquanto. Mas quem sabe um dia? Não é por nada, é que já conheço o país. E também, minha idéia é trabalhar fora e conseguir juntar uma grana, quem sabe até voltar para o Brasil e construir a minha própria forma de viver. Mas, a princípio, as minhas expectativas futuras estão focadas totalmente na área profissional.

•E qual foi a experiência mais marcante que vocês tiveram ao longo de todos esses encontros no Kiruv?

•L – Pra mim foi o seguinte: a questão de como é que surgiram as diferenças de língua e etnia entre os seres humanos, se somos todos descendentes de uma só pessoa (Adão). Isso ficou na minha cabeça. Nunca antes havia me dado conta disso.

•J – Pra mim, foram as questões envolvendo reencarnação, vida após a morte e a vinda do mashiach.

•R – Todas as pessoas do planeta querem saber de onde vêm e pra onde vão, o que vieram fazer na Terra, não é uma questão só dos judeus. E a verdade é que ninguém tem certeza de nada. Só quando a gente partir, é que vai descobrir a resposta.

• Jonathan Tayah (jonathantayah@hotmail.com): 22 anos, estudante do 7º período de jornalismo na faculdade Estácio de Sá. Nasceu no Rio mas a família tem as raízes em Manaus. Estudou no Talmud Torá, no Colégio Martins e finalmente no Liessin, onde ficou por dois anos. Seguiu-se uma viagem a Israel pelo mesmo período de tempo, rumo ao Yemin Orde, colégio religioso onde terminou o segundo grau, retornando ao Brasil com a finalidade específica de cursar jornalismo. Ficou sabendo do Kiruv há relativamente pouco tempo.

• Leonardo Adissi (claptonri@hotmail.com): 21 anos, carioca. Chegou a iniciar a faculdade de direito, mas trancou. Estudou no Scholem Aleichem, no Talmud Torá e no ORT. Curso também uma ieshivá em São Paulo, uma experiência precoce que durou apenas seis meses, devido a pouca idade (doze anos). Espírito nômade, está sempre mudando de escola, e pretende em outubro viajar para Israel, onde nunca esteve. O Kiruv lhe interessou justamente por não haver a necessidade de se ser religioso para poder frequentar as aulas.

• Rachel Flaumenhaf (rachelef.matos@ig.com.br): carioca, 24 anos. Formada em Letras, professora, também estudou no Scholem Aleichem e a seguir no MV1, por quatro anos. Concluiu o segundo grau no Liessin, mas voltou ao MV1 para o pré-vestibular. Não satisfeita em fazer parte do Kiruv, na Shel, também faz parte do mesmo projeto no Beit Lubavitch (www.beitlubavitch.org.br), à noite, duas vezes por semana. Se esforça tentando atrair mais interessados para as aulas, na maioria jovens que não tem o hábito de frequentar sinagogas.

Informações sobre o Projeto Kiruv*:

sinagoga.shel@openlink.com.br
rabino.shel@openlink.com.br

Tel.: (021) 2541 7391 / (021)2541 7449 – falar com Lígia ou Sérgio.

Por Julio R. Levy / juliorl@uol.com.br



Shel Guemilut Hassadim em dois momentos: a singeleza das orações de Sucot, pelas mãos do rabino Benzaquen, e a vibração do parnás Samuel Levy por ocasião da homenagem prestada à sua pessoa pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, nos salões da sinagoga, no último 15 de agosto: a de Cidadão Honorário do Município.

• Ser brasileiros, para vocês, é tão importante quanto ser judeus?

•Leonardo – Para mim é muito mais importante ser judeu, cara.

•Jonathan – Eu digo, assim, esdruxulamente, que estou pouco me lixando para o Brasil. Até porque, pelo que vejo, o Brasil está pouco se lixando para mim também (risos). Sério. Já até falei para minha mãe: assim que me formar, pretendo ir embora daqui para os Estados Unidos, ou para a Austrália, sei lá. Porque aqui, se você não é político, se você não tem um apadrinhamento muito bom ou se não é ladrão...

•Rachel – ...ninguém te dá valor. Eu me formei já tem um ano (Letras); estudei, me esforcei, chegava tarde em casa, tenho curso superior completo, fiz estágio na minha área, e mesmo assim não tenho emprego. Vou ficar mais quantos anos assim? E vou fazer 'pós' para quê, me especializar para quê? Ninguém aqui dá valor para quem tem nível universitário...

•L – Por isso é que é muito mais motivo de orgulho você falar que é judeu do que falar que é brasileiro. A bem da verdade, a nossa comunidade, embora preconceituosa, procura na medida do possível te ajudar e te acolher quando há dificuldades.

•J – Tem muito preconceito dentro de nós mesmos. Mas se por acaso chegar um professor na faculdade, como já aconteceu, e disser que não gosta de judeus, aí nessas horas a comunidade se mostra. Vêm advogados grandes, que são judeus, ou então juizes, ou promotores -porque tem de tudo na nossa comunidade, até ministro. E aí rapidinho eles arraçam as mangas e fazem o que tem de ser feito.

•Como é que foram esses dois anos em que você morou em Israel, Jonathan; como é que foi viver fora do Brasil sendo judeu?

•J – É o que eu falo principalmente para os meus amigos que não são judeus: sentir saudades você sente, claro. Meu pai já morreu tem uns dez anos, mas eu deixei aqui minha irmã e minha mãe. Senti muitas saudades da minha família. A princípio, fui para ficar apenas um ano, mas tive problemas e acabei permanecendo por mais tempo. Em relação à religião, no entanto, foi ótimo. Veja o caso do Pessach, um período do ano em que não se pode comer nada fermentado. Lá, nem mesmo se chega a vender pão no mercado; a área onde os produtos com fermento são vendidos é toda coberta por panos. Ou seja, ser judeu em Israel é evidentemente muito mais fácil. Meu colégio, por sua vez, era religioso, cumpriamos o shabat e também o máximo de leis dentro do possível...

•L – ...mas e quanto à diversão?

•J – ...pois então; como sou brasileiro, também via o outro lado da moeda. É o que eu digo para os meus amigos goyim: pra você zoar, curtir a juventude, o melhor país do mundo para se viver é aqui. Eu já estive em outro país sem ser Israel, que foi a Itália. Mas o melhor país do mundo, nesses termos, é o Brasil. De segunda a segunda você tem festas

pra curtir. Mas isso não é tudo na vida; vai chegar um momento em que você vai ter que parar e trabalhar, e se preparar para ter uma família.

•Vocês se sentem estrangeiros dentro do Brasil?

•J – Não, de forma alguma; eu sou brasileiro.

•R – Na verdade eu me sinto... não 'diferente', mas o que me preocupa realmente é a idéia equivocada que as pessoas fazem da gente.

•J – Esse é o ponto. O que ela está querendo dizer é que a gente não se sente estrangeiro no Brasil, mas eles (os goyim) nos fazem sentir assim.

•R – Eles não sabem quem somos, o que pensamos, o que comemos, o que fazemos... As vezes dá a impressão de que acham que somos extraterrestres. É falta de cultura isso, infelizmente. Por alguma razão essas coisas não são explicadas nas escolas ou na mídia. Tem pessoas que acreditam, inclusive, que o holocausto é uma mentira, uma invenção. Ora, isso é uma tremenda falta de cultura.

•L – Eu, por exemplo, não sou um cara religioso, então não sinto isso muito porque consigo me adaptar com mais facilidade tanto aos goyim quanto ao pessoal judeu igual a mim, é tudo praticamente

igual. Agora, um cara religioso, esse com certeza vai se sentir um peixe fora d'água, e até mesmo dentro da sua própria comunidade. É fato que a grande maioria dos judeus no Rio tem um outro olhar sobre os que são verdadeiramente religiosos.

•J – Já eu, não, porque já fui assim também e conheço, sei do que se trata, mas os laicos têm uma visão bastante discriminatória sobre os que são religiosos. Na verdade, tanto um lado como o outro enxerga o seu oposto com bastante preconceito.

•L – Eu não deixaria de sair numa sexta à noite, por exemplo, por causa do shabat...

•J – Por mim, tudo bem. Também não me oponho a quem saia.

•E o que é que vocês acham das sinagogas de perfil mais liberal?

•R – Veja bem, não sou religiosa. Mas, mesmo assim, acho que é um pouco excessivo o que algumas delas adotam como prática, apesar de me relacionar com várias pessoas que as frequentam. Acho que não tem necessidade de uma mulher usar um talit ou um kipá, por exemplo. Para quê? Acho que há um erro na dose.

•J – Eles mudam a religião? Mudam. São reformistas. Mas ainda assim muitas pessoas vão lá, e é

CENTRO DE ESTUDOS JUDAIAS
PROF. AZULAY
BENAIM DAVID AZULAY
CIBH 00001 04-5
Av. Brasil, 200 - Copacabana, RJ - 22040-000 - Telefone: 2541-7391 / 2541-7449

BEN BROS.
Braz. Mercado de Frigor. 814 - 1ª andar
Ipanema, Rio de Janeiro
Tel: (021) 2541 7391

DOLINGER
ADM. E CORRETAGEM DE SEGUROS LTDA
Home page: www.dolinger.com.br
E-mail: atendimento@dolinger.com.br
Tel.: 2262-9772

Construindo um estilo de vida a cada ano.
Brascan Imobiliária
INCORPORAÇÕES S.A.
www.brascan.com.br



• Yehuda Benguigui, na entrada da Sinagoga Shaar Rephael, na Calle Pasteur, Tânger, onde se encontram preservados originais das Meguilot dos Purim do Marrocos (foto de Aziza S. Benguigui, Maio 2004)

YEHUDA BENGUIGUI
ESPECIAL PARA AMAZÔNIA JUDAICA

Em vários momentos da saga dos judeus no Marrocos, quando estes foram submetidos a grandes adversidades, a comunidade se unia contrita em orações aos céus. Graças ao zechut - merecimento de seus chachamim - sábios e tzadikim zichronam livrachá - justos de abençoada memória, suas preces muitas vezes foram escutadas e ocorreram verdadeiros nissim veniflaot - milagres e maravilhas.

Quando tal ocorria, os Rabanim e Dayanim-Mestres e Juizes decretavam dias especiais de taanit - jejum, orações especiais e penitências.

Pelo menos em duas oportunidades na história dos judeus de Tânger, os chachamim decretaram um Purim especial, que tiveram nomes específicos e sobre os quais foram transcritas Meguilot - pergaminhos relatando o episódio. Estas Meguilot, foram passadas de geração em geração, e a tradição desses Purim especiais foi mantida pelos descendentes dos judeus marroquinos de Tânger e outras cidades do Norte do Marrocos.

Os mais importantes dos Purim especiais, foram dois: o conhecido "Purim de las Bombas", que recorda o episódio ocorrido em 6 de agosto de 1844 e o "Purim de los Cristianos", que se refere aos acontecimentos da conhecida "Guerra dos Três Reis", em Alcacerquibir, no Marrocos, em 4 de agosto de 1578 (a). Na presente matéria, se abordará acerca do "Purim de las Bombas".

Antecedentes Históricos:

Em 1830, a França ocupou a Argélia. O Emir Abd-El Kader, reuniu sob sua égide um exército irregular com o qual opôs uma feroz resistência à ocupação francesa.

Neste ínterim, o Sultão do Marrocos passou a preocupar-se, já que pela primeira vez na história, o Reino do Marrocos passava a ter fronteira com um país baixo de domínio cristão. A população judaica de Tânger nessa época, estimada em cerca 2.500 pessoas de um total de pouco mais de 12.000 habitantes da cidade, acompanhava os fatos com grande apreensão, devido suas devastadoras experiências com a Inquisição na Península Ibérica...(b).

Abd-El-Kader tratou de envolver ao Sultão do Marrocos Moulay Abd-El-Rahman na luta, considerada contra o inimigo comum do Islã nessa oportunidade - "os infiéis cristãos". Desta forma, levou os combates a oeste da Argélia, ou seja, na mal definida fronteira com o Marrocos, onde as autoridades tribais locais não duvidavam em brindar asilo e toda sorte de ajuda às tropas de Abd-El-Kader.

Em 1844, depois de quase 15 anos de enfrentamentos na fronteira, a França decidiu enviar uma delegação diplomática chefiada por seu Consul em Tânger, Monsieur Nion, para negociar com o representante do Sultão, o Pachá de Larache, Sidi Bousselem, a expulsão de Abd-El-Kader e o fim das agressões e hostilidades às tropas francesas do General Bugeaud.

Este comandante francês, tratando de evitar o protesto de outras potências européias, e muito particularmente da Inglaterra, não se atrevia a levar os combates ao interior do Marrocos. A Inglaterra havia perdido o mercado argelino e através de sua

"El Purim de Las Bombas"

possessão Gibraltar, mantinha intenso volume de transações comerciais com o porto de Tânger, pelo que não estava disposta a perder essa posição privilegiada (c).

Paralelamente às negociações, a França reuniu uma frota em Toulon, sob o comando do Almirante Príncipe de Joinville (terceiro filho do monarca Luis-Felipe). Este experiente oficial, comandando uma esquadra composta de doze buques (entre estes estavam os seguintes navios de guerra: Suffren, Jemmapes, Argus, Rubis, Triton, Belle-Poule, etc), chegou à baía de Tânger, onde encontrou vários outros navios de guerra da Espanha, Inglaterra, Dinamarca e Suécia.

No dia 4 de agosto de 1844, Monsieur de Nion, recebeu uma resposta negativa a seu ultimato ao Sultão do Marrocos.

Assim, no dia 6 de agosto de 1844, a armada francesa atacou as fortificações de Tânger. A mensagem enviada em presença dos navios de guerra de outros países europeus era de caráter político, querendo a França fazer respeitar a nível internacional, sua fronteira argelina.

Desta forma, o bombardeio de Tânger apesar de haver sido historicamente mais um ato político que uma invasão massiva, resultou em pesadas baixas materiais, com a destruição de grande quantidade de propriedades bem como perda de inúmeras vidas humanas entre os moradores de Tânger. E aqui, vai o grande milagre: apesar de ser o bairro em que a maioria da população

judaica de Tânger vivia, não houve nenhuma baixa na comunidade.

O Almirante Joinville, assim reportou "... apesar de que os marroquinos responderam nosso ataque com cerca de oitenta peças de artilharia, seu fogo foi rapidamente silenciado graças a uma admirável prática de nosos artilheiros. Nem um só disparo caiu fora de nossos objetivos e não atacamos o bairro dos consulados na cidade. Nossas perdas, foram insignificantes e não creio que mais de 20 homens da armada francesa foram feridos. Nossa frota não teve nenhum dano..." (d).

A batalha seguiu em Mogador, porto comercial importante, cujos direitos de aduana, representavam fontes relevantes de ingresso do Sultão.

Neste mesmo dia, as forças marroquinas e francesas se enfrentaram no que ficou conhecido como a "Batalha de Isly", localidade próxima da fronteira com a Argélia.

O filho do Sultão, Príncipe Sidi Mohamed, comandou as forças marroquinas contra o General Bugeaud (e).

A batalha culminou com a vitória da França. O resultado da derrota marroquina foi a solicitação feita pelo representante do Sultão, Sidi Busselam, para entabular urgente negociações, que derivaram no "Tratado de Paz", assinado em Tânger, em 6 de setembro de 1844 (f).

Dessa forma, a partir de então, em Tânger e adjacências, passaram a celebrar a data de 6 de agosto de 1844 - equivalente no calendário Hebraico a 21 de av de 5605. O ocorrido foi lavrado em uma Meguilá, que passou a ser lida tradicionalmente nesta data e que rememora o episódio que passou à história e tradição dos judeus marroquinos como "El Purim de las Bombas", e cujo texto transliterado se publica a seguir, graças a cortesia do Prof. Leon Bengio, Prof. Pinhas Cohen e Rabino Eli Bittan, todos de Caracas, Venezuela (d).

Em várias Sinagogas no mundo onde os descendentes de Tânger estão radicados, como em Israel, Canada, em Tânger no Marrocos - na Sinagoga Shaar Rephael, em Caracas, Venezuela -na Sinagoga Beth Aharon, entre outras, a leitura da Meguilá do "Purim de las Bombas" é procedida anualmente segundo essa tradição.

MEGUILÁ DEL 21 DE AB-HARAJMAN DEL AÑO 5605 DE LA CREACION (g). (6 de agosto de 1844)

"Un buen día 21 del mes AB-HARAJMAN conocido como "ME-NAJEM" (consolador), el Amo y Señor del mundo nos protegió con milagros y maravillas y por este motivo debemos conmemorarlo cada año.



• Yehuda Benguigui, junto a um dos canhões-que segundo a tradição foi utilizado para defender a cidade no episódio do "Purim de las Bombas"- na praça em frente à baía de Tânger (foto de Aziza S. Benguigui, Maio 2004)

Aconteció que los Reinos se congregaron y aquel día el Rey de Francia declara la guerra a los Bnei Ishmaelim y fue cuando el día 7 del mes antes mencionado, mientras vivíamos en paz y tranquilos "cada quien bajo su viña". Repentinamente, vimos frente a nuestras orillas y al puerto (Tânger), muchos barcos poderosos con muchas guarniciones que rodearon y sitiaron nuestra ciudad. Y los mensajeros del Rey de Francia traían consigo la orden derramar

sobre nuestras moradas bolas de fuego.

En el día de Tish' a beAb, día de tribulación y reconvencción y ultraje. Ese día nos llegó el rumor que era el día del inicio de la guerra y lucharían contra nuestra población. Apenas oímos esa noticia, nuestros corazones se desplomaron como cuando la mujer embarazada que esta a punto de dar a luz, así nos sentimos derretidos de temor. Imploramos a nuestro Señor D-os, el D-os de nuestros patriarcas y



• Panorama do porto e baía de Tânger, com a muralha da Kasba e o Grande Socco, próximo da Medina, onde ocorreu o bombardeio, em 1844 (The Golden Book of Morocco)

rezamos: ¡OH! D-os, nuestro D-os, suficiente era el luto que pasamos por la destrucción de nuestro bello y sagrado Templo. Que esto no será obstáculo para Ti, ni ofensa de hacernos recordar pecado alguno.

Nuestras fuerzas se debilitaron y quedamos hundidos en nuestros sueños. Allí nos sentamos y también lloramos. Como peces en la red fuimos tomados y no sabíamos que hacer de nosotros, si escapar y salvar nuestras vidas, si permanecer en nuestras moradas. Estábamos como el que baja a las profundidades de la mar y así nos quedamos. Estábamos cortados como espuma sobre las olas de las aguas, y así nos quedamos. Nuestras vidas en un peligro constante y apenas hubo aliento en nosotros.

El día 21 del mes mencionado alzamos nuestras miradas y he aquí que se inicio la guerra y nuestros corazones se estremecieron. Nuestra mente quedo anonadada: éramos como ganado que marcha al matadero; y dijimos: nuestra esperanza se desvaneció. Mientras pronunciábamos nuestras plegarias, escuchamos los sonidos y truenos que nos hacían temblar. Un sonido tenebroso venia a nuestros oídos, veíamos piedras grandes, todo de fuego, caían en la ciudad. Las llamaban BOMBAS, y así caían en todas las paredes, y como una lluvia de flechas caían. La muerte nos acechaba por nuestras ventanas. Todos nosotros, nuestras mujeres y niños, nos cubríamos como el animal. Algunos quisieron escapar para salvar sus vidas. Por doquier que uno caminaba, caían la BOMBAS. En cada lugar y lugar, patio y patio, esquina y esquina de nuestra ciudad, caían. Solamente entre los Ismaelitas se oían las calamidades.

Nuestras suplicas crecían ante D-os : OH! D-os, favor de no hacernos caer en humillación. Que no encontremos la muerte ante tus ojos como una bestia. Que no seamos como hormigas en nuestra tierra. Que nuestras suplicas sirvan para que nadie de nosotros salga lastimado. Que no seamos castigados como Sodoma y Gomorra. No nos asemejes a ellos, sino todo lo contrario. Somos temientes a Ti, y seguimos agradeciéndote por nuestras vidas.

Todo el pueblo escuchaba los truenos y veía las llamas sembrando de pavor nuestra tierra. Ellos que suspiraban y clamaban de sufrimiento en sufrimiento, ya que decían estamos condenados a morir.

Súbitamente, como al mediodía, se sobrepuso la Piedad Divina, Bendito sea, y la salvación vino a nosotros. D-os que en Su trono de justicia estaba, se paro y tomo el trono de la piedad y misericordia y allí Se sentó, apiadándose de nosotros. Cesó la lluvia de azufre y fuego, las ruinas silenciaron, los ruidos pararon como si nada.

Load al Señor nuestro D-os y digamos con exaltación: Su merced nunca nos faltó. Pues en este día grandes milagros nos hizo el Señor. Entonemos nuestra canción con boca plena, porque nadie salio herido. Aunque pasaban por encima de nuestras cabezas, otros caían ante nosotros. Loemos a D-os y bendigamos porque ninguno de los nuestros sufrió ningún daño. La trampa se rompió y escapamos de ella. Puso en los ojos de los Ismaelitas gracia y merced, y no nos molestaron.

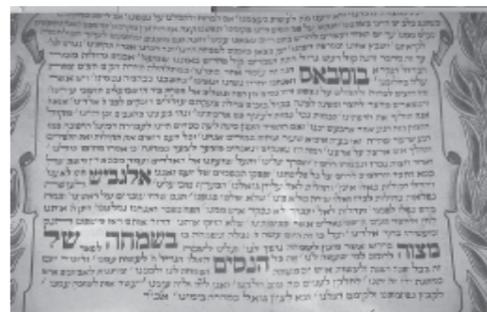
Aquella generación vio la Justicia Divina y los milagros que se le hizo.

Bendito sea nuestro D-os, que este día sea de regocijo y alegría. Que se festeje como Mitsva, este mes que el mal se torno para bien, y que de la agonía pasamos a la alegría. Es nuestro deber agradecer y enaltecer a Quien nos hizo todos estos milagros. D-os nos agració y nos hizo el bien. Recae sobre nosotros conmemorar todos los años este día. Hacer un día festivo con Se'uda y alegría para nosotros y nuestros hijos. Un día de dadas a los menesterosos. Cada quien que de lo que pueda. Repartir Tzedaka entre los necesitados para que ellos puedan festejar y formar parte de nuestra alegría. Cantemos por el bien que nos aconteció y quiera D-os, Bendito Sea, nos reunifiquemos los dispersos de Sion para elevar nuestra bandera. Ya viene el Señor de la redención y digamos todos, vamos a Sion. Amen.

(le siguen varios versos de los salmos con alabanzas a D-os)

Referências Bibliográficas

- a)- Benchimol, Samuel – "Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia", Editora Valer, Manaus, AM, Brasil, 1998.
- b) - Banon, Nina – "Morocco: A Guide and History", Societé Nouvelle des Impressions et Cartonnages Idéale, Casablanca, Morocco, 1991.
- c) - Serels, M. Mitchell – "A History of the Jews of Tangier in the Nineteenth and Twentieth Centuries", Sepher-Hermon Press, Inc. New York, NY, USA, 1991.
- d) - Cohen, Pinhas – "Resena Histórica sobre El Purim de las Bombas", informação cedida via internet através do Prof Leon Bengio, Caracas, Venezuela, agosto 2004.
- e) - Bentes, Abraham Ramiro – "Das Ruínas de Jerusalém a Verdejante Amazônia – Formação da Primeira Comunidade Israelita Brasileira."Edições Bloch, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1987.
- f) - Laredo, Isaac – "Memórias de un Viejo Tangerino", Editions La Porte, Primera Edición C. Bermejo, Madrid, 1935. Reeditado con la colaboración de la Dirección General de Relaciones Culturales y Científicas del Ministerio español de asuntos exteriores.
- g) - Bitton, Eli Rabino e Professor - "Transliteração do texto da Meguilah do Purim de las Bombas" segundo a tradição da Sinagoga Beth Aharon, de Caracas, Venezuela, 2004.



• Foto da Meguilah de "Purim de las Bombas", cuidadosamente preservada na "Sinagoga Chaar Rephael", em Tânger, Marrocos (Foto de Aziza S. Benguigui, maio 2004)

Covardia!

MARKIN TUDER

Não consigo acreditar no que meus cansados ouvidos escutam, não dá para acreditar no que meus lacrimejantes olhos lêem. Já ouvi e vi muita hipocrisia, falsidade e mentira. Talvez até devesse estar habituado e calar-me. Mas como é possível?

O que mais é preciso acontecer para que a mídia - os meios de comunicação, retomem sua tarefa esclarecedora, educadora, condutora da opinião pública. Imparcial, na medida do possível, ou franca e declaradamente partidária quando assim o for. Porém honesta, corajosa, militante. A covardia que tomou conta da mídia nos últimos tempos é ao mesmo tempo lamentável e revoltante. A imprensa deixou de tomar posições claras e definidas, procurando esconder-se covardemente por detrás de conceitos dúbios e definições turvas.

Dois fatos estarrecedores aconteceram esta semana. Dois homens-bomba fizeram-se explodir em dois ônibus na cidade de Beer-Sheva, em Israel, matando 16 pessoas, entre as quais uma criança de três anos e uma senhora de 70, e ferindo outras cem. O motivo? Vingança contra a morte de dois líderes do Hamas, Verdade? As vítimas provavelmente nem sabiam pronunciar o nome dos dois. E antes de sua morte? A morte de outro. E antes? Não, não é possível aceitar tal tipo de argumento, a disparidade do tipo de vítimas é gritante, o alvo, o objetivo, completamente outro. O motivo real? Que importa o motivo! Importante é matar, quanto mais melhor, quanto mais inocentes, melhor ainda!

Um grupo de pessoas armadas invadiu uma escola na cidade de Beslan, na Rússia, aprisionando centenas de reféns, crianças, pais e professores. Motivo? A libertação de prisioneiros chechênios. O resultado? Quase quinhentas pessoas mortas, entre as quais grande número de crianças. Provavelmente a maioria delas nem sabe onde fica exatamente a Chechênia, ou o nome de sua capital. Motivo real? Torturar, matar, trucidar, quanto mais melhor, quanto mais inocentes, melhor ainda.

Esses dois acontecimentos, arrepiantes por si, tornam-se revoltantes diante do acovardamento dos meios de comunicação no relato dos mesmos. Os dois criminosos assassinos de Beer Sheva, irracionais fanáticos de uma ideologia sanguinária, que venera a morte e coloca a vida, sua e dos outros, no mais baixo nível de desprezo e vilipêndio, são apresentados como militantes ou ativistas. Como se fossem angariar fundos para uma instituição de beneficência.

O bando de homicidas facínoras, preparados e formados na escola superior de assassinato e destruição, que não hesitam em por em jogo a vida de centenas de tenras criaturas, são chamados de separatistas chechênios, militantes, no pior dos casos, seqüestradores. Como se estivessem participando de uma manifestação ou comício.

Em ambos os casos, meus caros jornalistas,



os perpetradores dessas duas barbaridades não passam de infames terroristas, cuja única finalidade é a matança, o único motivo é a matança, e a única justificativa é a matança. Bush e os americanos precisaram do 11 de Setembro para entenderem. Putin e os russos precisaram do Beslam para entender o alcance, a gravidade e a inescrupulosidade da organização do terrorismo internacional. O que mais precisa a mídia que aconteça para desmascarar as atrocidades do fanático movimento fundamentalista islâmico-árabe e para se integrar na luta de salvação dos valores da cultura, da moral e da civilização ocidentais. Será que é preciso que eles instituem no mundo a negridão de seus costumes e de seus regimes, negando a democracia e a liberdade de expressão, destruindo a própria base sobre a qual a imprensa exerce suas funções e se desenvolve? Então, caros donos dos meios de comunicação, prezados jornalistas, será demasiado tarde. Sacudam a covardia e retomem o brio e a coragem que caracterizou inúmeros colegas seus no passado e alguns poucos no presente. O terrorismo extrapolou países, povos, crenças, sexo, idade. Já não é contra o sionismo expansionista ou os colonialistas americanos. São contra tudo e todos, a ideologia é a morte e a destruição.

Quanto mais, melhor para o povo dançar com mais entusiasmo nas ruas de certas cidades.

Coragem para dizer a verdade, mesmo sendo ela impopular.

P.S. - Durante a escrita deste foi publicada a vergonhosa e infame notícia da decisão do tribunal argentino libertando os suspeitos pelo atentado contra a AMIA de Buenos Aires. Talvez ainda queiram nos convencer que tal atentado não aconteceu, que seja mais uma invenção da propaganda judaica-sionista (assim como o Holocausto). Infâmia e Vergonha!

Enviado à Redação do AJ
por Raquelita Athias

CRÔNICA



PÁDUA COSTA
ESPECIAL PARA AMAZÔNIA JUDAICA

Pioneirismo israelita na Amazônia

Há quem suponha que o Rei Salomão estivera na Amazônia. Um dos argumentos, em favor dessa assertiva, indica o nome de Solimões (que seria corruptela de Salomão) a um dos afluentes do Rio Amazonas. Até o momento, sobre o assunto, inexistente comprovação.

Entretanto, "Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia - Formação da Primeira Comunidade Israelita Brasileira" (Editora Bloch) - em mais de trezentos e oitenta páginas, valendo-se de ampla bibliografia, Abraham Ramiro Bentes Z'L documentou um cuidadoso trabalho de pesquisa, desde as procedências desses extraordinários seres humanos que, em suas peregrinações, realizaram história, onde não faltaram heroísmo e a expressão de indiscutível amor às comunidades que os acolheram.



O autor, nascido em Itaituba, era descendente dos pioneiros hebreus sefaraditas marroquinos na Amazônia. Em outubro de 1919, concluído o curso no então Ginásio Estadual "Pais de Carvalho", matriculou-se na Escola Militar do Realengo, sendo declarado oficial da Arma de Artilharia, na turma de 1933. A sua formação militar e religiosa o conduziu a estudos sobre temas históricos da vida brasileira ("Palco da História"), em mais de mil páginas; "Os Sefardim e a Hakitia", abrindo seqüência para o livro "Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia - Formação da Primeira Comunidade Israelita Brasileira", destacando o pioneirismo de um povo em sua integração na cultura e economia nacional. Editado pela Bloch, em 1987, este trabalho, de Abraham Ramiro Bentes Z'L, permanece como referencial quando se aborda o início da presença judaica, em forma de comunidade, na região amazônica e no Brasil.

NOTA DE FALECIMENTO

A Chebrá Kadisha do Centro Israelito do Pará comunica com pesar o falecimento de:

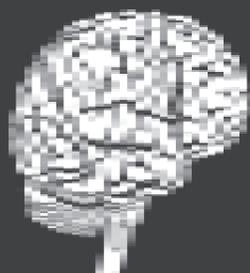
Diná Aflalo Ohana

05-08-2004 • 17 de Av 5.764

Orovida Sonia Sicsú da Silva

04-09-2004 • 19 de Elul 5.764

- Neurologia
- Neurodinurgia
- Eletroencefalografia
- Tomografia Computadorizada
- Mapeamento Cerebral com EEG
- Ressonância Nuclear Magnética



INNEURO

- Dr. César Neves •
- Dr. Benjamin Ohana •
- Dr. Érbio Pádua •
- Dr. Juvenal Rogério

Entrevista / AMOS OZ



Humor Divino

LUÍS AMIGUET
ENTREVISTADOR

AMOS OZ, PREMI INTERNACIONAL CATALUNYA 2004

“Deus é ateu”

Tenho 65 anos: sou mais velho que meus pais. Nasci em Jerusalém, comédia multi-étnica que as vezes acaba em tragédia. Casado faz 45 anos com a mesma mulher: o mérito é seu. Tenho 3 filhos e 4 netos. Nem branco nem preto: me interessa por todos os “matics do gris”. Cada língua é um instrumento musical: pequenos ou grandes cada um é individual.

Eu quando criança queria ser bombeiro. Pelo uniforme. Sabe? As meninas se derretem.

“Um dia passeando por Jerusalém cruzei, em que outra cidade do mundo poderia encontrá-Lo? Com Deus. Convidei-Lhe para um café e falamos como dois velhos amigos sobre o divino e o humano e ao final Lhe disse: ‘Amigo Deus, sempre quis querido, perguntar-Lhe qual é a religião que mais te agrada: O judaísmo, o cristianismo, o islamismo...?’ ‘Deus me confessou de entrada que Ele era pouco religioso e, ao final, acabou reconhecendo: ‘Meu filho, creio que inclusive sou um pouco ateu’. É isso mesmo é o que eu creio: seguramente, Deus é ateu. ‘Amos Oz responde assim, recordando um esplêndido conto de sua autoria, a minha pergunta sobre sua fé religiosa. E, depois de uma longa pausa, conclui sorridente: ‘O humor é o melhor antídoto contra o fanatismo’. Estou convencido de que Deus estaria de acordo.

Estou convencido de que Deus estaria de acordo.

■ E não tivestes sorte?

● Tive que me conformar com o plano “b”: ser escritor. Não seduziria com botões dourados, mas sim com belas palavras.

■ E funciona mesmo?

● Hoje minha forma de ser bombeiro é tentar fazer com que meus leitores se compreendam melhor a si mesmos e a seus próximos e assim vivam de forma mais profunda. Que vivam mais.

■ Como tentas?

● Vivo próximo ao deserto. Pela manhã me levanto e vago sem rumo por ele. Trato de ouvir.

■ O que?

● De volta a casa, ouço as notícias das 6 e lá estão os políticos enchendo a boca de palavras: “Para sempre...”; “Nunca mais...” e então risadas das pedras desse deserto que é o mesmo fazem 100.000 anos.

■ E depois?

● Já estou preparado para escrever, que é um saco! Tento juntar palavras. As vezes fico a manhã inteira sem fazer nada. Nem uma linha. Lá estou olhando para a parede.

■ Não se sente frustrado?

● Esses vazios são tão necessários como as manhãs em que acabo uma novela. Também são escrever. Depois vou para um café.

■ Para perder tempo?

● Não. Em Israel qualquer desconhecido fala com qualquer outro desconhecido: “Tens visto o jornal? Este Governo está louco!”. Só querem que lhes dê a razão. Ninguém escuta a ninguém, mas eu sim. Eu ganho a vida escutando-os.

■ Porque lhes pagam o café?

● Não, porém tocam com novas notas o mesmo pequeno instrumento que eu toco: o hebraico.

■ Pequeno instrumento!

● Não importa. Oito milhões de falantes são mais do que os que falavam inglês quando Shakespeare escreveu sua obra. Porém mesmo que fossem menos: só um idiota pensaria que um instrumento produzisse melhor música por ser maior ou uma língua ter melhor literatura por ter mais adeptos.

■ Lhe garanto que existem muitos idiotas.

● Sabe que em Barcelona faz 1.000 anos havia poetas catalões em hebraico?

■ Conte-me.

● Escreveram poesia abertamente homossexual graças a influência dos árabes, muito mais tolerantes. Desde da diáspora, durante 17 séculos, o hebraico foi confinado nas sinagogas até o dia em que, faz 100 anos, voltou a vida em Jerusalém.

■ Como?

● Uma jovem judia europeia disse a um judeu de Jerusalém “gosto muito de você” em hebraico, porque era a única língua que compartilhavam.

■ Seus pais falavam o hebraico?

● Meu pai falava onze línguas e todas com um terrível sotaque russo e minha mãe falava sete. Eram professores e entre eles falavam russo e polonês para que eu não lhes entendesse.

■ Por que?

● Porque quase sempre falavam do que sofreram seus familiares na Europa: no Holocausto. Comigo falavam só em hebraico para que eu não aprendesse nenhuma língua europeia e evitasse assim de acabar em um campo de concentração. Minhas primeiras palavras em inglês aprendi na rua atirando pedras nos soldados britânicos: “British go home!”.

■ Você viveu a fundação de Israel.

● Bem de perto. Conheci, e muito, a todos seus protagonistas: os que aparecem hoje nos jornais. Já sou mais velho que meu próprio país.

■ E já li que você viveu num Kibutz.

● E a única experiência socialista de gente normal. Nem partidos nem governos nem burocracia. Um montão de amigos compartilham todas as suas propriedades e fundam um kibutz.

■ Dizem que o trabalho era duro, porém a vida sexual dos kibutznikim era variada.

● Aquela não era uma comunidade hippie. Talvez os recém chegados passassem dois, três, quatro anos disfrutando de uma relativa promiscuidade. Porém sempre acabavam casando-se.

■ Lhe ensinou mais o kibutz ou a guerra?

● Os dois. Fui oficial de carros. Nunca tinha sido pacifista: não acredito que os povos tenham que se armar. E só os ingênuos e os simplórios. E me conformo para que não se matem.

■ E seria muito

● Luto por um compromisso pragmático entre inimigos que les impida asesinarse. Esta é a realidade. Não são messiânico como Bush y los suyos. Não me interessa nem os vilões nem os heróis. Eso es una mala película.

■ O que te interessa?

● Uma disputa entre marido e mulher quando os dois tem a razão. Uma batalha entre pai e filho quando o amor do pai é tão verdadeiro quanto a ânsia de liberdade do filho. Isso é o que faço como ativista e escritor. Tento explicar ao ser humano.

■ Pacto com o demônio?

● O pacto é a vida. A cessão de ambas as partes salva a humanidade. O oposto é a inflexibilidade, o fanatismo, e a morte. Em minhas novelas falo das pessoas: todos somos meio felizes, porque a felicidade não existe. É como uma estase. A alegria sim que existe.

■ Menos mal.

● Sim. E a pena é a solidão, escrevo sobre elas e sobre as coisas estúpidas e ruins que nos fazemos uns aos outros.

■ Porque nos causamos danos?

● Pela vaidade: a eterna comédia humana.

■ Somente para aparecer?

● Queremos impressionar aos demais. Por isso fazemos idiotices e chegamos a ser malvados. Barcelona ou Tel Aviv estão cheias de pessoas que trabalham mais do que o conveniente para ganhar mais dinheiro do que realmente necessitam para comprar coisas que na realidade não lhes fazem falta e apenas para impressionar aqueles que não dão a mínima para eles.



EV Seu futuro lhe pertence.

Miguel Alves 3083-1127

Faça da sua previdência privada complementar com o EV. Seguros mais baratos em taxa própria, mais a responsabilidade de um futuro tranquilo. O EV tem mais de 200 milhões de dólares em investimentos. Não hesite, consulte quem entende, consulte Miguel Alves, seu especialista EV. Ligue para 3083-1127. Seguro foi a sorte.

O AZUL DO NOSSO GÁS!

FOGAS

Disk Gas

III Amazoniada

MARCIA CHERMAN SASSON
ESPECIAL PARA AMAZÔNIA JUDAICA

Um importante acontecimento, organizado pelo CISA, Conselho Internacional Israelita de Sociosfera na Amazônia, foi realizado nos dias 01 e 02 de Setembro em Belém, PA, realçando a rica contribuição da comunidade israelita no Brasil. Neste encontro denominado de III Amazoniada, realizado na sede da Federação das Industrias do Estado do Pará, contou com a presença de

cientistas, do alto comando militar da Amazônia, empresários, professores, universitários e pessoas em geral interessadas na preservação e desenvolvimento da Amazônia brasileira.

Foram discutidos temas como Biodiversidade, Desenvolvimento Sustentável, Soberania e Meio ambiente dentre outros. O evento foi coroado de êxito e serviu de referência para o III Congresso Internacional de Ecologia Humana da Amazônia e II Conferência Nacional de Meio-ambiente que também será organizado pelo CISA no próximo ano.

Do Rio estiveram presentes, coordenando fóruns, os Drs. Helena Lewin, da UERJ, renomada educadora e Luiz Benyosef, do Ministério da Ciência e Tecnologia, que desenvolve instrumentos utilizando avançados recursos de nanotecnologia e é diretor de Pequenas Comunidades da Federação Israelita do Rio de Janeiro.

estrela do norte
Distribuidora Ltda.

www.denorte.com.br

e-mail: enorte@amazon.com.br

tel: 248-2081/248-2086

Distribuindo Qualidade!

"LEMBRA TRÊS COISAS E NÃO PECARÁS: SAIBA QUE ACIMA DE TI HÁ UM OLHO QUE VÊ, UM OUVIDO QUE ESCUTA. E QUE TODAS AS TUAS AÇÕES SÃO INSCRITAS NUM LIVRO".

Ética dos Pais: Cap. II - 1

Idade de ouro▷

Quem disse que maquete de Sucá é coisa de criança? O Grupo Guyl Hazahav realizou concurso de maquete de Sucá, onde a criatividade dos participantes e das monitoras: Vera Alice Soares, Rosângela Nahon, Renee Alves e Bernadete Benzecry fizeram da programação de Sucot um grande sucesso.



Yom Kipur

Embora a polêmica do retorno das vendas de cadeira, prática antiga que remonta a formação das nossas sinagogas, basta olhar as placas de bronze nas cadeiras, a mesma se revestiu de sucesso e organização.

Adafina na Sucá

Pela sua recuperação Salomão Bemuyal, presidente da Sinagoga Shaar Hashamain, juntamente com José Serruya e Nelson Pinto ofereceram deliciosa Adafina na Sucá, tendo por sobremesa nada mais leve do que o nosso Açai.

Ampliação

"Chazac Ubaruch" - mais do que sem tempo foi ampliada a Sucá da sinagoga da Arcipreste, e graças a D'us ainda está pequena para nossa Kehilá. Que a cada ano possamos expandi-la e continue a ficar lotada.

Chatan Torá

Foram escolhidos para Chatan Torá - noivos da Torá - na Sinagoga Shaar Hashamain Moysés Barcessat e David Salgado que ofereceram maravilhoso almoço preparados por Cota Aben-Athar, Belízia Barcessat, Simone Salgado, Clara Mendes e Clara Barcessat.

Bem vinda

Encontra-se entre nós, a Sra. Frinéa Bohadana, hóspede da filha Safira-Lila Benzecry. Beruchá Habaá.

Casamento

Ultimando os preparativos para a celebração de seu casamento Moysés Unger e Cláudia Aguiar. Os noivos são filhos de Fábio-Esther Unger e Franklin e Alegria Zagury Aguiar. Mazal tov.



Baby chá

No último dia 05/10 foi realizado no Alfajor Buffet, o Baby Chá de Sheila Aben-Athar. O evento foi marcado pelas brincadeiras elaboradas e realizadas pelo cerimonial. Sheyla e Jayme estavam super contentes e agora ficam ansiosos pela chegada do bebê. Em boa hora!



SUSHY & SUCÀ: A moda oriental invadiu as Sucot de Belém, onde o grupo Nahal promoveu animadíssima noite de rodízio de Sushi na Sucá da Sinagoga Shaar Hashamain. Com animação da banda musical de Michel Haber.



Wizo

O Grupo Wizo sob a presidência de Esther Barros comemorando o sucesso de sua campanha de Rosh Hashaná, reuniu seu grupo para tarde cultural na Sucá, com orientações sobre a festividade com Rabino Moysés Elmesany e Esther Unger.

Palestra

O Rabino Moysés Elmesany estará em breve a pedido da Wizo proferindo palestra sobre o Sentido das Orações e ordenamentos.

Simchá Torá

Não tem pra ninguém, já entrou no calendário social e jovial de Belém, Simchá Tora é na Esnoga da Campos Sales (Essel Abraham). Este ano estava imbatível em animação, com todos os jovens convergindo para a mesma. Mazal Tov à junta administrativa daquele templo, Moysés Nahmias, Jimmy Joseph, Moisés Melul e o Chazan David Salgado.

Nivers

Helena Esther Pinto, Clara Pinto Nardi, Ingrid Serruya, Ricardo Unger, Thaís Soares Rego, Jayme e Sheila Aben-Athar; Deborah Unger; Jayme Assayag; Jacob Aben-Athar; Samy Israel; Isaac Israel; Marcos Nahon



Rosh Hashaná em Manaus

Mais uma vez, a Hebraica de Manaus realizou o Jantar Comunitário da Segunda Noite de Rosh Hashaná. Buscando manter e preservar a tradição de décadas em que o evento é realizado, a Diretoria do Clube preparou um jantar belíssimo acompanhado de inúmeras "atrações". O Seder das Berachot foi coordenado pelo Shaliach Dr. Isaac Dahan e acompanhado pelos professores da Escola Jacob Azulay. Mazal Tòv pela organização.



Convite

A Mazal Tòv-bookstore convida toda a Comunidade e amigos para o coquetel de lançamento em Belém



O Calendário Judaico

de autoria do Dr. Mordko Meyer, a realizar-se no próximo dia 8 de novembro às 19:30h em sua loja, Av. Serzedelo Corrêa, 15, Loja 3.

Mazal Tòv
BOOKSTORE

Av. Serzedelo Corrêa, 15 • Loja 3 •
Tel: (91) 223-0434 • Belém-Pará

Boa Sorte a todos!

Primeira grande
promoção da Mazal Tòv

Pecas em Metal e Bronze

Castiçais, Menoras e Candelabros

THE UNIVERSITY OF SOUTH ALABAMA SCHOOL OF BUSINESS

